

ENTREVISTA/**E.M. DE MELO E CASTRO**

“Acho muito saudável que o novo produzido pelos artistas brasileiros seja diferente do novo dos artistas portugueses”

Máquina de experimentar

Poeta e teórico português, E. M. de Melo e Castro fala das tendências da arte contemporânea e analisa as novas relações culturais estabelecidas entre as vanguardas do Brasil e de Portugal

LUIS FELIPE RICHTER/DIVULGAÇÃO

MÁRCIO-ANDRÉ

Depois de muitos anos afastado do Brasil, o poeta e ensaísta português, ex-professor da USP e da UFMG Ernesto M. de Melo e Castro retorna ao país e, desta vez, segundo suas próprias palavras, para ficar até o fim da vida. Exponente da tecnopoésis, teórico da cibercultura, defensor da infopoesia e um dos mais perspicazes pensadores da literatura de vanguarda em nossa língua, Ernesto, hoje com 77 anos, não parece disposto a abandonar o barco tão cedo: acaba de lançar o poema *Quatro cantos do caos* (Selo Demônio Negro), o ensaio *Máquinas de trovar* (Intensidez, Potugal) e divide o tempo entre São Paulo e Belo Horizonte para reencontrar amigos. Em entrevista ao *Pensar*, ele fala da poesia concreta, do experimentalismo, de exclusão cultural e das diferenças entre Brasil e Portugal.

O que exatamente você veio fazer no Brasil? Qual a sua agenda literária?

Desta vez eu vim para o Brasil, para cá viver, ficando cá indefinidamente, isto é, até ao fim da minha vida. Esse é agora o meu projeto. Mas a minha “agenda literária” é a mesma desde a minha juventude, em qualquer lugar onde me encontre: inventar e produzir poesia, teoria e crítica literária com o total empenho e o maior risco possível...

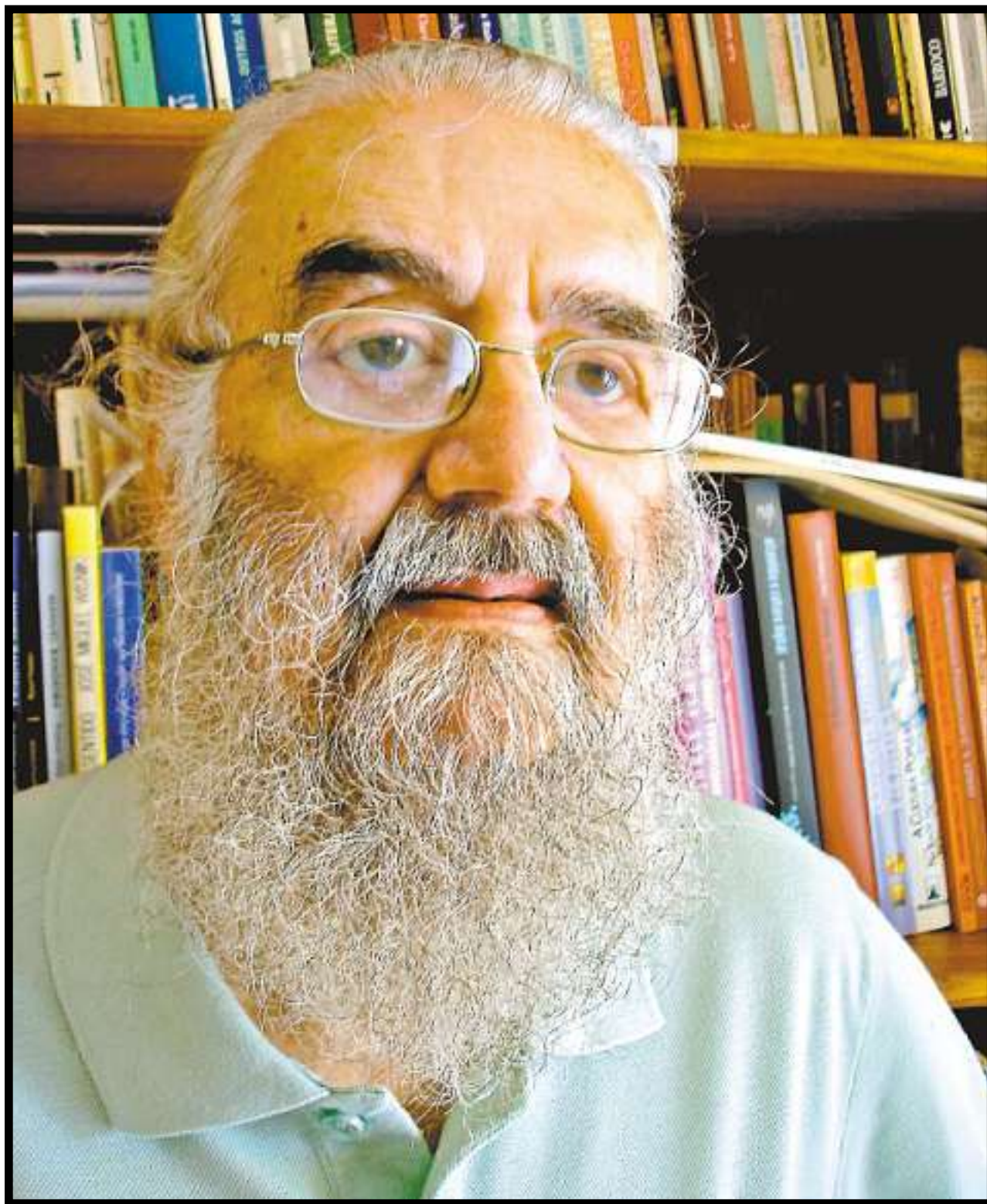
Você acaba de lançar o livro *Quatro cantos do caos*, que é uma cosmogonia onde o mundo se constrói através da palavra. Por outro lado, uma nova geração de poetas acredita em certa des-sacralização da escrita e conseqüente descrédito na palavra como força geradora em si, valendo-se dela como suporte narrativo tradicional. Como você compreende essa dualidade forçada entre uma poesia mais narrativa e outra mais essencial?

Eu sempre fui pela poesia como uma forma essencial da invenção humana e, por isso, radical. Desde cedo me coloquei numa postura de transgressão e invenção. Este é o meu modo de estar na poesia. Mas as formas, as técnicas, os processos e até as tecnologias da produção poética sofrem transformações que eu sempre procurei entender e praticar. O meu poema “Quatro cantos do caos” pertence obviamente a um pendor conceptualizante das palavras que sempre esteve presente na minha poesia, de modo mais ou menos evidente e que não penso seja contraditório com uma noção ampla de experimentalismo. Se isso não está agora na moda, pior para essa moda! Devo até enfatizar que, quanto à produção literária e artística, desde logo me coloquei ostensivamente fora da problemática e da discussão dos gêneros, dos tipos e até das escolas, porque, como inventor e interventor artístico, me interessei sempre mais pela poiesis do que propriamente pelos poemas, tal como são geralmente considerados, narrativos ou não, e praticados seja por quem for.

Você fala em *Máquinas de trovar* que a poesia concreta de Brasil e Portugal têm razões históricas diferentes. Isso se evidencia no rumo que ambos os países tomaram na atual geopolítica e na configuração entre os continentes americano e europeu. Você acha possível, numa época em que Brasil e Portugal se afastam cada vez mais, compreender uma troca satisfatória entre os dois países?

As chamadas trocas culturais entre países sempre se deram pela iniciativa de indivíduos e não entre estados e governos. Ora os indivíduos são emocionais, afetivos e cheios de contradições, mas também é neles que residem a criatividade, a inteligência e a sensibilidade. Assim tem sido e creio que será, entre Brasil e Portugal.

Só os Estados e governos declaram e fazem as guerras, mas nunca houve nenhuma guerra entre Brasil e Portugal. O processo de independência do Brasil é um exemplo pacífico de inteligência do futuro, de ambos os lados. Os desentendimentos entre os nossos dois países são transi-



tórios e circunstanciais, resultando de diferentes ritmos de crescimento social e econômico.

Se os políticos e economistas se afastam deliberadamente e ignoram os assuntos culturais, isso parece-me não ser uma novidade, já que os poetas e os artistas são os naturais produtores do novo e este não é rentável nem politicamente correto, nem nunca o foi. Mas o novo é também a diferença! Por isso acho muito saudável que o novo produzido pelos artistas brasileiros seja diferente do novo dos artistas portugueses. Assim as possíveis trocas serão mais estimulantes, nada tendo a ver com “políticas culturais”, acordos e outras circunstâncias ou interesses governamentais.

Por mim, sempre fui “atlantista” e desde há muito que estou “de costas para a Europa, de braços erguidos, fitando o Atlântico, saudando abstratamente o infinito!”.

Como transferir para uma realidade não europeia como a do Brasil, onde, apesar do desejo de modernização, ainda se convive com realidades contraditórias (num sentido bem diferente do de Portugal: aqui grandes intelectuais convivem com índices assustadores de analfabetismo e miséria; onde o poder de compra do cidadão médio cria um certo atraso em relação à tecnologia de ponta que chega a Europa e EUA), a motivação para pensar uma tecnopoésis não afetada?

Um conhecido e respeitado antropólogo brasileiro dizia há poucos dias que a estrutura social do Brasil, mesmo democrático, continua sendo aristocrática e elitista. Talvez por isso, e ironicamente, a tecnopoésis esteja muito desenvolvida no Brasil, enquanto em Portugal está muito menos desenvolvida, país que continua democraticamente pobre, onde as elites diminutas são hoje mais retrógradas do que no século 19! Mas há muito que sou de opinião que a criação artística de vanguarda, e por isso a tecnopoésis, pouco ou nada tem a ver com as proverbiais diferenças e injustiças sociais ou os avanços neoliberais-capitalistas seja de que país for. Os poetas e os artistas sempre souberam usar as mais avançadas tecnologias dos tempos e circunstâncias em que viveram, podendo ou não produzir obras de intervenção... Não existe de fato alguma relação de causa e efeito obrigatória entre os fatores sociais e a invenção artística.

Pelo seu lado, as injustiças sociais não se resolvem nem pelas imposições políticas nem pela economia... Só por meio da cultura se podem encontrar os caminhos para a resolução dessas questões. E a cultura ou é universal ou fica reduzida, como hoje se quer acreditar, a uma chamada “indústria cultural” que obviamente só cava mais as diferenças e as injustiças econômicas, apagando os traços das diferenças vivenciais, quanto mais globalizada ela é!

No mais amplo sentido universal, a cultura, a arte, a poesia do Brasil atual, com o uso das mais avançadas tecnologias, creio que será o estabelecimento de uma radical diferença, que inevitavelmente será também social, rela-

tivamente aos blocos norte-americano e europeu, mas também aos emergentes blocos russo e chinês.

Esteve recentemente no Brasil o poeta americano Bruce Andrews. Em entrevista polêmica, ele declarou que o concretismo é um movimento ultrapassado, pois, segundo ele, é insuficiente diante da abertura de novas possibilidades. Ele atribuía isso a um suposto idiossincrasismo e centralização por parte de seus seguidores e de um certo nacionalismo paralisante que se formou a partir do movimento. Como você avalia essa crítica?

A questão das ultrapassagens e das insuficiências dos movimentos culturais e artísticos, considere-i-a sempre como a manifestação de um primarismo, esse, sim, deplorável, provindo de uma atitude pseudocrítica, não paralisante mas já paralisada!

Todos os movimentos ou escolas artísticas têm um começo, um apogeu e um fim, cronologicamente demarcáveis. Isso pertence à história da arte. Mas isso não quer dizer que deixem de continuar a exercer a sua influência e a sua intervenção transformadora nas gerações subsequentes. Este é o caso da poesia concreta, tal como, por exemplo, do cubismo, do surrealismo ou do barroco! Seria ridículo afirmar que um quadro de Mondrian ou Pollock seria hoje insuficiente! E o que é isso de insuficiência na arte? Deixemos, pois, no “oblivion” da asneira, a opinião desse senhor!

No caso da poesia concreta, o que ocorre hoje é precisamente o contrário de um nacionalismo!

Considero hoje a poesia concreta, não como mais uma escola de vanguarda, mas como uma verdadeira plataforma de lançamento de tudo o que de mais importante e inovador aconteceu na poesia em português e no mundo, como a tecnopoésis.

Quais os caminhos que você vislumbra daqui para diante na poesia experimental?

Obviamente continuar experimentando procurando o novo e a diferença.

Mas, como será esse novo e essa diferença, eu não sei. Só tenho palavras e não palavras; só tenho neurônios e ideias; só tenho olhos, ouvidos e todos os outros inumeráveis sentidos que me dão o presente e me reformulam o passado. Quanto ao futuro, esse pertence à categoria dos imateriais que vão fugindo à nossa frente, não sendo nem sequer vislumbráveis... só probabilisticamente os poderemos considerar como matéria fugidia dos nossos projetos. Além disso, a arte e a cultura estão agora cada vez mais, na categoria de incorpóreos, ao modo dos estoicos, indefiníveis.

Por isso nada direi, mesmo tomando em consideração que a criação, a invenção e abdução são obra do homem e o *Homo sapiens* é polivalente e imprevisível!! É essa a sua beleza... e sua razão de sobrevivência!

“EU SEMPRE FUI PELA POESIA COMO UMA FORMA ESSENCIAL DA INVENÇÃO HUMANA E, POR ISSO, RADICAL DESDE CEDO ME COLOQUEI NUMA POSTURA DE TRANSGRESSÃO”